

Uma viagem no "Inter-Rail" da nossa vida

Teatro da Comuna estreia peça,
em Lisboa, no dia do 27.º aniversário

PAULA LOBO

Os problemas, as ambições, as frustrações e os desejos da juventude portuguesa que nasceu depois da Revolução de 1974 são o ponto de partida para "Inter-Rail", o espectáculo que o Teatro da Comuna estreia hoje, em Lisboa, com encenação de Álvaro Correia. No dia em que celebra o seu 27.º aniversário, a companhia leva ao palco um texto poético de Abel Neves, onde o sonho e o real se confundem.

A ideia surgiu há cerca de um ano e meio. João Mota, director da Comuna, pediu então a Abel Neves que escrevesse uma peça comemorativa dos 25 anos do 25 de Abril, mas que abordasse as vivências e as necessidades da juventude que, à data, ainda não era nascida. A estreia é hoje, pelas 21 e 30 horas, antes de ser cortado o bolo de aniversário e da animação musical, até às tantas, com Zé Salgueiro e Troupe Boomerang, Célio Bularmiqui e Teresa Velez. Amanhã, como já faz parte da tradição da casa no 1.º de Maio, as entradas naquele teatro são gratuitas.

Viagem pelos afectos

Em dois meses de ensaios, oito jovens actores deram corpo a vários episódios que, embora não refiram directamente a Revolução de Abril, só poderiam existir com a liberdade que ela trouxe. Nas duas primeiras cenas, o grupo festeja o 43.º aniversário de uma canção dos Platers. Pela roupa e pelos passos de dança, quase enganam o espectador. Parecem figuras do passado, mas as conversas são bem actuais. O divórcio dos pais, a entrada para a universidade, o individualismo, o racismo e o aborto são alguns dos temas que discutem.



"Inter-Rail" estreia esta noite na Comuna

Falam também de surf e graffitis, de tráfico e consumo de drogas, de viagens de "inter-rail" e preservativos. Maio, um dos rapazes, nunca conheceu o pai, que era militar em Timor.

"É uma peça extremamente poética, mas com diálogos quase realistas", explica o encenador ao JN, acrescentando que "há uma ligação muito forte com a "Flauta Mágica". Aqui, o sem-abrigo é uma espécie de sacerdote do templo e a peça também é uma viagem iniciática ao nível dos afectos. É isto que lhe dá um carácter universal e cósmico - no sentido em que a influência dos astros se faz sentir sobre as personagens".

Álvaro Correia justifica: "No fundo, como as estrelas do céu, nós também somos um ponto no meio deste universo, pequenas estrelas que se cruzam. E há um lado onírico, porque a personagem principal (desempenhada por Margarida Cardeal), tem uma relação muito forte com os seus sonhos e com o cosmos. Ela

presente que o Maio é a pessoa que ela quer, mas ele próprio também tem de passar por uma série de provas até perceber isso. Portanto, tudo roda à volta do amor e da afectividade".

Depois de "O Vão das Borboletas", Álvaro Correia volta a encenar um texto inédito. Sobre a experiência, diz que tem tanto de "aliciante" como de "aterrorador", porque "não temos "background" nem garantias de como vai resultar. A primeira encenação de um texto original não é mais do que um primeiro olhar. Espero que depois mais alguém o faça e lhe dê dimensões diferentes desta".

A interpretação é de Alexandre Lopes, Alfredo Brissos, Carlos Oliveira, Isabel Abreu, Hugo Sequeira, Joana Brandão, Joana Seixas, João Tempera, Manuela Couto, Margarida Cardeal, Miguel Sermão e Victor Soares. Luís Santos assina a cenografia, Paulo Graça o desenho de luz e José Pedro Caiado a banda sonora. Até 13 de Junho, o "Inter-Rail" passa pela Comuna.